

Mário Maestri*

CARTAS DESDE O FRONT DA GUERRA DO PARAGUAI

Resumo: O presente artigo trata de cartas escritas por Benjamin Constant Botelho de Magalhães durante a Guerra do Paraguai e publicadas em 1999 pelo IPHAN e Museu Casa de Benjamin Constant.

Para o autor, “as cartas do fundador da República”, título concedido postumamente pela primeira Assembléia Nacional Constituinte, constituem fonte histórica de importante valor, pela assinalada raridade sobre a Guerra”.

Palavras-chave: Guerra do Paraguai, Narrativa, Memória

Abstract: This article is about the letters that were written by Benjamin Constant Botelho de Magalhães during the Paraguay War and published in 1999 by IPHAN and Casa de Benjamin Constant museum.

For the author, "the letters written by the founder of the Republic, a title given posthumously by the first National Constitutional Convention, are a historical source of great value because of its very emphasis on the War”.

Keywords: Paraguay War, Narrative, Memory

Desde o início da Guerra contra o Paraguai (1865-1870), sobretudo oficiais de carreira ou voluntários escreveram relatos sobre os sucessos que contribuíram para conformação de historiografia de corte nacional-patriótica sobre os sucessos, hegemônica no Brasil até fins dos anos 1970.¹ Entre outros importantes aspectos, o caráter fortemente homogêneo dessas narrativas registrava a concordância de que o conflito querido e procurado pelo Estado imperial gozou entre a sociedade civil de então. Escrita para ser publicada, tratava-se de narrativa muito respeitosa das visões oficiais sobre a guerra..

É já um truísmo registrar a despreocupação nacional pelos papéis familiares. Sobretudo nas mudanças, as famílias desprendem-se das roupas e móveis usados, dos livros, papéis e cadernos amarelados. Talvez cento e cinquenta mil brasileiros lutaram no conflito sul-americano. Mesmo considerando-se as multidões de analfabetos, são raras as cartas de combatentes que chegaram até nós.. O que valoriza a correspondência do jovem engenheiro militar Benjamin Constant Botelho de Magalhães [1836-91], de setembro de 1866 a agosto de 1867, escrita no campo de batalha,

* Mário Maestri, 59, é professor do Programa de Curso e do Pós-Graduação em História da UPF [maestri@via-rs.net]

¹ Cf. MAESTRI, Mário. A Guerra contra o Paraguai História e Historiografia: da instauração à restauração historiográfica [1871-2002]. REVISTA ESPAÇO ACADÊMICO, I, 91, dezembro de 2008; II, 92, janeiro de 2009. www.espacoacademico.com.br

sobretudo para sua esposa e seu sogro, reunida e apresentada diligentemente por Renato Lemos – *Cartas da Guerra: Benjamin Constant na Campanha do Paraguai*.²

A documentação foi certamente conservada devido à fulgurante ascensão política e social de Benjamin Constant, após a proclamação da República, em novembro de 1889, em consequência de envolvimento na agitação republicana que o elevou à dignidade de general-de-brigada, ministro da Guerra e ministro da Instrução Pública, Correios e Telégrafos do Governo Provisório, antes de falecer, em 1891, aos 54 anos. Já em 1894, era publicada uma sua biografia laudatória, por Raimundo Teixeira Mendes – *Benjamin Constant: esboço de uma apreciação da vida e da obra do Fundador da República*.³

As cartas do «fundador da República», título concedido postumamente pela primeira Assembleia Nacional Constituinte, constituem fonte histórica de importante valor, pela assinalada raridade de escritos privados sobre a Guerra, que expressem o humor e os sentimentos dos missivistas em relação ao conflito, confessados na intimidade da correspondência familiar.. Uma correspondência privada que, no presente caso, se dava no tom quase cerimonial exigido pela boa sociedade para as relações entre esposo-consorte e genro-sogro. Epistolário igualmente filtrado, determinado e censurado pelo papel que o autor desempenhava em relação a si mesmo e aos familiares. Um verdadeiro baile de máscaras sob música pausada e autoritária.

Militar por Necessidade

Benjamin Constant não seguira a carreira das armas por vocação. Como habitual na época, ingressara na Escola Militar, em 1852, diplomando-se mais tarde em Engenharia, devido à falta de recursos de sua família, agravada pelo falecimento precoce do pai, lusitano, ex-oficial subalterno e mestre escola.. Quando do início do conflito com o Paraguai, desempenhava-se, sobretudo como professor. Se tivesse crescido no seio de família de recursos, possivelmente diplomar-se-ia como bacharel em Direito, formação que preparava os filhos dos grandes proprietários às funções diretivas e representativas do Estado. Não possuía igualmente as alianças familiares e políticas que garantissem uma carreira de destaque no Exército.

O jovem capitão jamais se apresentou como voluntário para combater no Paraguai, aprestando-se para tal apenas quando regularmente convocado. Conta a tradição que Maria Joaquina, sua jovem esposa, teria reivindicado junto ao Imperador a suspensão da ordem de partida,

² LEMOS, Renato (Org.). *Cartas da Guerra: Benjamin Constant na Campanha do Paraguai*. Rio de Janeiro: IPHAN; Museu Casa de Benjamin Constant, 1999.

³ MENDES, Raimundo Teixeira.– *Benjamin Constant: esboço de uma apreciação da vida e da obra do Fundador da República*. Rio de Janeiro: Apostolado Positivista do Brasil, 1894.

devido ao fato do esposo ser arrimo de família de poucos recursos, formada por mãe viúva e alienada, irmã solteira, irmão menor, jovem esposa grávida e com filho pequeno.. Ao saber do sucedido, Benjamin Constant teria conseguido igualmente audiência com dom Pedro e sua anuência em manter a convocação.⁴

O jovem militar registra na correspondência as razões de não se ter furtado à guerra e, a seguir, a comissões perigosas, próximas das linhas inimigas, sob o alcance das balas paraguaias, mesmo temendo o enorme desastre econômico que se abateria sobre sua família, com sua eventual morte. Qualquer reticência no relativo à Guerra desabonaria sua “honra”, seu “bom nome”, seu senso de compromisso com o “dever”, pondo sob suspeita seu caráter e patriotismo.⁵

Em 5 de setembro de 1866, em Santa Catarina, dirigindo-se ao teatro de guerra, escreveu à esposa lembrando que tinha que vencer as saudades da família e “seguir o caminho que a honra e o dever” apontavam. Em 19 de dezembro, reafirma que apenas o “dever e o brio” o mantinham longe dos seus. Em 11 de julho de 1867, escrevia que não pedia inspeção de saúde, para retornar à Corte, apenas porque “o Exército estava realmente para marchar” e seria “bem desairoso em tais circunstâncias um militar pedir e mesmo aceitar uma licença para retirar-se do campo” de batalha.⁶

Tudo leva a crer que as preocupações de Benjamin Constant eram sobretudo com seu prestígio e não com os objetivos específicos e gerais da guerra.. Positivista e crítico contido dos males da monarquia, compreendia que sua situação pessoal dependia da *opinião pública* sobre sua devoção ao serviço pátrio. Ele pertencia aos segmentos médios não-proprietários da sociedade imperial que tinham nos empregos públicos uma das raras possibilidades de sustento e avanço social.

Distinguir-se no serviço à nação era também estratégia individual. Ainda mais participando inicialmente o jovem capitão da crença geral de um fim próximo do conflito.. Em 14 de setembro de 1866, em viagem ao Paraguai, registrou a possibilidade de chegar após a vitória, limitando-se a “atacar foguetes após o fim da festa”.⁷ A percepção da rápida vitória foi celebrizada pela retórica de Bartolomé Mitre [1821-1906], em seu célebre discurso, quando do ingresso da Argentina no conflito: “[...] en tres días en los cuarteles, en tres semanas en el campo de batalla y en tres meses en la Asunción”.

⁴ LEMOS, Renato. “Introdução”. LEMOS, Renato (Org.). Op.cit., p. 14.

⁵ Id.ib., pp. 23, 62; 73, 169, 187.

⁶ Id.ib., pp. 23, 73, 197.

⁷ Id.ib., p. 34.

À Procura de uma Comissão

Benjamin Constant partiu para o Paraguai um pouco como seguiria se convocado para serviço pesado e arriscado no Alto Xingu. Na frente de combate, dedicou-se sobretudo a reavivar e desenvolver suas relações sociais, para obter comissão que lhe assegurasse suplemento de soldo e evidenciar seus bons serviços de tal modo que seu nome e prestígio se fortalecessem, sobretudo no Rio de Janeiro, junto à Corte, para ele grande origem das “mazelas” do Brasil.

Em 13 de setembro de 1866, escrevia à esposa relatando ter recebido oferta de “boa comissão de engenharia”, em Montevideú, que não aceitara, temendo que “pensassem” que buscara emboscar-se longe dos combates. Em 3 de outubro, revelava ao sogro que falara “com toda a franqueza” a superior sobre a necessidade de “boa comissão”.⁸ Se fracassou na tentativa de fazer-se notar na Corte, obteve resultados quanto à função gratificada, ao ser efetivado na Comissão de Engenheiros junto ao Comando-em-Chefe, com abono de cem mil-réis, soma considerável na época.⁹

Não havia oportunismo na procura obsessiva por melhor remuneração em plena guerra. As condições de subsistência eram duras, mesmo para oficial, se pobre, no arcaico e aristocrático exército imperial. Fora a carne e a farinha fornecidas para o churrasco, preparado pelo soldado ou ordenança do oficial, praticamente todo o restante devia ser enviado pelos parentes do Brasil ou obtido junto à chusma de comerciantes que acompanhavam ávidos os exércitos, enriquecendo com a venda a preços vultuosos de alimentos, bebidas, roupas, fumo, sabonete, etc.

Não eram poucos os gastos necessários para subsistir no campo de batalha – alimentos, roupas, tabaco, implementos de limpeza pessoal, etc. Benjamin Constant colocava a mão na algibeira até mesmo para prover o milho de seu bucéfalo, devido aos péssimos pastos daquelas regiões do Paraguai.¹⁰ Devia também prover as necessidades mínimas do irmão mais jovem Marciano, que se arrolara como voluntário para se “fazer brasileiro”, ao saber da sua convocação. Uma das suas primeiras preocupações, antes mesmo de chegar ao Paraguai, fora encontrar colocação para o fraterno e o cunhado, no que terminaria tendo sucesso..¹¹

Os oficiais endinheirados podiam garantir ótimas condições de existência, a golpes de moedas de ouro. Nos momentos finais da guerra, junto com grupo de oficiais rio-grandenses, o jovem e também engenheiro militar Alfredo de Escagnolle Taunay [1843-1899] entregava como “cota mensal” até doze libras por mês para que um “excelente cozinheiro” providenciasse almoços e

⁸ Id.ib., p. 31-2; 49.

⁹ Id.ib., p.173.

¹⁰ Id.ib., p. 177.

¹¹ Id.ib., pp. 22, 64, 114, 127, 189.

jantares dignos do nome.¹² Sem tais recursos, sub-oficiais e soldados lutavam pela existência. Em 11 de abril de 1867, Benjamin Constant registrou sobre as condições de vida dos soldados: “[...] excetuando-se aqueles poucos que são camaradas de oficiais, ou empregados, a maior parte desta pobre gente não tem uma barraca que lhe sirva de abrigo, dormem ao relento expostos ao sereno e às chuvas, muitos sem mantas, sem capotes [...]”¹³

O soldado, com o soldo miserável não raro atrasado em até um ano, também devido à vontade do comando de economizar com a paga dos soldados que morreriam, como recomendava o marquês de Caxias [1803-1880].¹⁴ O que levava os soldados a dedicarem-se comumente ao roubo, de companheiros, de oficiais e de depósitos militares, para não soçobram na fome e na miséria..¹⁵ Atos que eram castigados com a prisão, com penas físicas e, até mesmo, com a morte. Taunay relata sobre dois soldados argentinos “fuzilados sem mais processo” por matar, para comer, a montaria de oficial rio-grandense.¹⁶ Situação de carência que ensejava o saque generalizado dos bens dos inimigos mortos e das posições civis e militares paraguaias ocupadas.¹⁷

Paraguaios Valentes e Dedicados

Na correspondência de Benjamin Constant, não há praticamente fatos patriótico ou político sobre a guerra, sendo quase ausentes reflexões sobre as suas razões e sentidos. Ele apenas retoma, aqui e ali, a retórica oficial superficial do conflito como vingança à “afronta” à nação motivada pela invasão paraguaia.¹⁸ Razão que não justificava a decisão aliancista de combater até a deposição de Solano López [1827-1870] e a extinção do exército paraguaio. Em 25 de setembro de 1866, ainda em viagem para o campo de batalha, em arroubo patriótico que pouco duraria, congratula-se com a negativa imperial em discutir o fim do confronto, pois, para ele, não haveria “paz possível com semelhante monstro” [López], à exceção daquela assentada sobre a “justa vingança”.¹⁹

Fora essa referência, suas cartas quase não registram as tradicionais diatribes contra o presidente paraguaio das narrativas de cunho historiográfico. Em uma outra oportunidade, propõe o caráter despótico do regime lopista, ao realizar quase comovido elogio do patriotismo dos soldados

¹² TAUNAY, Alfredo de Escagnolle [Visconde de]. *Recordações de guerra e de viagem*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008, p. 81.

¹³ LEMOS, Renato. (Org.) *Cartas da Guerra*. Id.ib., p. 154

¹⁴ SALLES, Ricardo. *A Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do Exército*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 142; Rebouças, André. *Diário da guerra do Paraguai (1866)*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiro, 1973, p. 154

¹⁵ TAUNAY. *Recordações [...]*. Op. cit., p. 83.

¹⁶ Id.ib., p. 84.

¹⁷ Id.ib., p. 58-60;

¹⁸ LEMOS, Renato (Org.). Op.cit., p. 175.

¹⁹ Id.ib., p. 36.

paraguaios: “No combate os Paraguaiois mostraram que são valentes e dedicados a López, [morrem] mas não se rendem. Num pequeno [encontro] que houve no dia seguinte vi quanto [são bravos] e fanáticos pelo – El Supremo [Gobierno] – estas desgraçadas vítimas do [despotismo de López].”²⁰

Praticamente até o início da Guerra, a sociedade civil do Império, ou seja, a relativamente pequena parcela da população livre – mais comumente proprietária e em geral branca – que exercia algum papel político na sociedade escravista e monárquica, ignorara substancialmente a existência do Paraguai. Não é de se estranhar que sejam mais comuns e substanciais as críticas do jovem capitão à população e ao aliado argentino, inimigo tradicional do Império no Plata, não raro desde um viés fortemente racista, em registro da enorme ignorância do verdadeiro contexto político da guerra.

Benjamin Constant desqualifica a população argentina de Rosário, Corrientes e Paraná, de forte origem guarani, por seu quase selvagerismo e, sobretudo, sua profunda inimizade aos brasileiros, chegando a propor serem eles, e não os paraguaiois, os inimigos do Brasil. “Creio que são muito mais nossos inimigos do que os próprios Paraguaiois [...]”²¹ Em 25 de setembro de 1866, escreveu sobre Rosário: “O povo aqui é o que há de pior. [...] São todos de má aparência e, ou por ignorantes ou por [...] seus chefes, inimigos dos Brasileiros. [...] Estes infames, por ignorância ou por seus maus instintos, em lugar de receber como amigos aos filhos do país que tantos benefícios lhes tem feito, se limitam a tratá-los com ingratidão, [...] são os nossos mais encarniçados inimigos.” Propôs sobre a cidade de Paraná: “O que forma aqui a maioria da população é uma [...] cruzada de Espanhóis e Guaranis. São porém estes povos por seus costumes, sua ignorância, sua indolência etc., mais próximos dos Guaranis do que Espanhóis. É um povo ainda inferior ao do Rosário [...]...” Em março de 1867, afirmou sobre Corrientes: “Esta cidade é abominável por todas as razões, a população é a mais cínica e ordinária que se pode imaginar. Quase sempre há questões entre Correntinos e Brasileiros, mortes, ferimentos, etc.”²²

Benjamin Constant jamais se opôs à Guerra, apesar de registrar insistentemente suas críticas ao governo do Brasil, ao alto comando imperial e, sobretudo, ao marquês de Caxias, responsabilizados pela morosidade empreendida à campanha, que esvaia os recursos materiais e humanos da nação. Em novembro de 1866, escrevia: “Por que não se trata [o governo] de dar uma batalha decisiva? Querem matar-nos ingloriamente?” Em fins de janeiro do ano seguinte, registrava: “[...] o estado sanitário do Exército é mau, e vai se tornando cada vez pior.” Sobretudo, era

²⁰ Id.ib., p. 192.

²¹ Id.ib., p. 163.

²² Id.ib., pp. 39 -40; 137.

extremamente crítico com a direção dada aos combates por Caxias, definido como verdadeira “vergonha para a história da nossa pátria.”²³

A avaliação do jovem oficial não se referia apenas à atuação do comandante máximo no Paraguai, englobando sobretudo sua ação na Balaiada, Farroupilha, em São Paulo e Minas Gerais, durante e logo após a Regência [1831-1840]. “General pacificador por excelência o temos visto sempre em frente ao inimigo ou aos revoltos nos últimos paroxismos de sua resistência, já fracos e impotentes, tomar posição à distância respeitosa[,] com a mão esquerda acenar-lhes de longe[,] com a outra mão[,] com as baionetas de que dispuser[,] mas com a bolsa recheada, com o cofre das graças das posições oficiais, com o suborno, com a prostituição. Será devido a esta leveza de serviços, de méritos, de prestígio, que ele tem subido. É em virtude de uma lei física perfeitamente estabelecida que os corpos leves tomam sempre as posições superiores.”²⁴

Inepto e Covarde

São freqüentes as acusações a Caxias por Benjamin Constant de inepto e covarde... “[...] o nosso Marquês de Caxias ainda não ouviu de perto o [...] das balas inimigas, nem sabe que cheiro tem o fumo de sua pólvora [...]”²⁵ Uma acusação de covardia que se apoiava no então geral alto apreço pelos oficiais da exposição da vida ao perigo como demonstração de valor militar e patriotismo. Benjamin Constant indignou-se com a ordem de os oficiais não utilizarem seus grados quando em combate, como então já habitual nos exércitos europeus, para não se exporem a “tiros de pontaria” paraguaios – “[...] ordem para que os oficiais não usem de suas divisas em dias de combate (bravura!) [...]”. Recriminava igualmente os oficiais que se entrincheiravam para não serem atingidos por balas de fuzis e canhões – “oficiais que se escondem atrás dos paus e até fazem buracos no chão para esconder-se nos dias de combates e bombardeios [...]”²⁶

A alta valoração entre os oficiais da valentia pessoal como valor militar parece ter causado milhares de mortes de soldados brasileiros no Paraguai, levados a atacarem as posições inimigas frontalmente e em linhas cerradas, mesmo quando podiam contorná-las, envolvê-las, acercá-las com menor exposição, como registrou Taunay perplexo. Falando dos momentos finais da guerra, o engenheiro militar recordava: “Osório queria atacar logo de frente desfazendo os meios de

²³ Id.ib. ,64, 94, 122.

²⁴ Id.ib., pp. 121. 59, 77, 97, 117, 121, 192, 203.

²⁵ Id.ib., p. 192.

²⁶ Id.ib., p. 92.

resistência do inimigo. ‘Leva-se tudo, afirmava ele, a cachações num instante.’ ‘Mas por que perder inutilmente gente?’” – objetava o conde D’ Eu, que servira em exércitos europeus.²⁷

O exército paraguaio teria praticado maior economia da vida dos soldados através de um sistemático e amplo entrenchamento e aproximação cuidadosa ao inimigo e proteção pessoal dos atiradores.²⁸ Ao lembrar que a “coluna cerrada” era a “disposição mais predileta para atacar os pontos fortificados” das tropas brasileiras, o que levava a se avançar “sobre bocas de fogo que vomitam bombas, granadas, cachos de uvas, lanternetas”, com enorme mortandade entre os atacantes, Benjamin Constant literalmente recriminava os paraguaios por se ocultarem sem qualquer pejo na “mata atrás dos paus”, “zombando da bravura com que os atacamos a peito descoberto.”²⁹ Ao descrever a retirada da Laguna, Taunay assinalara igualmente a estranha tática inimiga de disparar fora de forma, para melhor proteção individual. “Usavam [...] de uma manobra nova: deitavam-se por traz dos acidentes do terreno e daí nos faziam fogo, deixando ver apenas as cabeças; depois, [...] furtavam-se à nossa vista.”³⁰ Táticas impossíveis de serem utilizadas pelas tropas argentinas e imperiais, permanentemente sob a ameaça de deserção.

A valorização da exposição da vida foi utilizada na legenda da covardia de Solano López, que jamais se expôs aos azares do combate direto, comandando suas tropas no campo de batalha, desde a invasão do Paraguai, a partir de verdadeiros bunkers, sem, porém jamais abandonar a luta na procura de preservação de sua vida... Em História da Guerra do Paraguay, traduzida do francês e publicada no Brasil em 1873, Theodore Fix [1828-c.1913], repercutia essa legenda: “ Sabe-se que Lopez nunca saia de Humaitá, e isto deu azo a juízos pouco honrosos à sua coragem pessoal, mas que não lhe atenuam o incontestável talento e inquebrantável energia.”³¹O próprio Benjamin Constant entregou-se a um arroubo de valentia, à frente de alguns soldados, no comando do assalto a uma trincheira paraguaia avançada. Ato de valentia extraordinária que teria contado à esposa, apenas para que ela estivesse preparada, no caso algum amigo difundisse o sucesso e ele fosse citado em ordem do dia e publicado nos jornais da Corte..³²

O arroubo de valentia não lhe valeu citação, no Paraguai e, ainda melhor, na imprensa da Corte, como esperava.. Em correspondência, registrou também o desgosto pelo elogio no Jornal do Comércio, do seu chefe imediato, por correspondente de guerra, por obras de defesa por ele

²⁷ TAUNAY. *Recordações [...]*. Op.cit. p. 52.

²⁸ THOMPSON, George. *Guerra do Paraguai: com um esboço histórico do país e do povo paraguaio e notas sobre a engenharia militar durante a guerra*. Rio de Janeiro: Conquista, 1968.

²⁹ LEMOS, Renato. (Org.) *Cartas da Guerra*. Ob.cit., p.91.

³⁰ Cf. Taunay, Alfredo d’ Escagnolle. [1843-1899] *A retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguay*. Traduzida da 3 ed. francesa por B.T. Ramiz Galvão. Rio de Janeiro: Garnier, s.d. p. 131.

³¹ Cf. FIX, Theodoro. *História da Guerra do Paraguay*. Trad. do francês por A.J. F. dos Reis. Rio de Janeiro: Garnier, s.d. p. 123. [1ª ed. em francês 1873]

construídas. “[...] o que é certo é que o elogiado foi o Chefe da Comissão de Engenheiros e quem faz estes trabalhos fui eu, mas assim é que se escreve a história.”³³ Também seu sogro ressaltou que seu nome jamais aparecera nas notícias sobre a guerra divulgadas no Brasil. Sobre a espinhosa questão, ele escrevia à esposa, em 7 de julho de 1867: “Teu Pai manda-me dizer que não tem aparecido meu nome em nenhuma ordem do dia [...]”³⁴

A responsabilidade do jovem engenheiro militar na realização do inventário geral dos depósitos militares permitiu-lhe igualmente avaliar de posição privilegiada o enorme despilfarro de recursos materiais e humanos promovido pelos governos argentino e sobretudo brasileiro.³⁵ No outro lado da trincheira, George Thompson, o jovem engenheiro inglês engajado nas tropas paraguaias como oficial militar, apontava igualmente, em forma ainda mais detalhada, o desperdício de recursos bélicos e, sobretudo, a falta de decisão dos comandantes máximos do Império, com destaque para o almirante Tamandaré [1807-1897] e o marquês de Caxias [1803-1880].³⁶ Indecisão devida a fenômenos mais complexos do que os limites pessoais e idiosincrasias daqueles oficiais.

Benjamin Constant elogia na sua correspondência a valentia do soldado paraguaio, mas praticamente não se refere ao soldado das forças imperiais, a não ser muito pontualmente aos sapadores diretamente sob suas ordens. Um registro levanta um pouco o véu das razões dessa ausência, tão habitual na literatura memorialista de oficiais combatentes sobre a guerra. O soldado imperial arrolado comumente à força para combater no Paraguai não correspondia definitivamente à imagem ideal construída pela oficialidade imperial sobre o país e suas forças armadas. Ao se referir aos soldados das forças imperiais, propunha que “as cadeias” já estavam “vazias de criminosos” transformados “em soldados incumbidos de defender os brios e a honra da nação. Que junto com esses “criminosos” vinham os “escravos libertados” por seus proprietários para obterem “honras, condecorações, títulos de nobreza, posições oficiais”, mais proveitosos que os trabalhos prestados pelos que lhes preparam resultados mais úteis do que lhes poderiam dar “estúpidos e miseráveis cativos.”³⁷

³³ LEMOS, Renato. (Org.) Ob.cit., p. 173.

³⁴ Id.ib., p. 193.

³⁵ Id.ib., pp. 64, 78, 91, 95.

³⁶ THOMPSON, George. Op.cit., p. 66, 77, 79 *et passim*.

³⁷ LEMOS, Renato (Org.). Op.cit., p. 118, 142.

Referências

FIX, Theodoro. *História da Guerra do Paraguay*. Trad. do francês por A.J. F. dos Reis. Rio de Janeiro: Garnier, s.d. p. 123. [1ª ed. em francês 1873]

LEMOS, Renato. (Org.) *Cartas da Guerra: Benjamin Constant na Campanha do Paraguai*. Rio de Janeiro: IPHAN; Museu Casa de Benjamin Constant, 1999.

MAESTRI, Mário. *A Guerra contra o Paraguai História e Historiografia: da instauração à restauração historiográfica [1871-2002]*. REVISTA ESPAÇO ACADÊMICO, I, 91, dezembro de 2008; II, 92, janeiro de 2009. www.espacoacademico.com.br

MENDES, Raimundo Teixeira.– *Benjamin Constant: esboço de uma apreciação da vida e da obra do Fundador da República*. Rio de Janeiro: Apostolado Positivista do Brasil, 1894.

SALLES, Ricardo. *A Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do Exército*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 142; Rebouças, André. *Diário da guerra do Paraguai (1866)*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiro, 1973.

TAUNAY, Alfredo de Escagnolle [Visconde de]. *Recordações de guerra e de viagem*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

TAUNAY, Alfredo d' Escagnolle. [1843-1899] *A retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguay*. Traduzida da 3 ed. francesa por B.T. Ramiz Galvão. Rio de Janeiro: Garnier, s.d.

THOMPSON, George. *Guerra do Paraguai: com um esboço histórico do país e do povo paraguaio e notas sobre a engenharia militar durante a guerra*. Rio de Janeiro: Conquista, 1968.